

Legado de família: um amor pelo Botafogo que despreza a frieza dos números

pág. 10
ARNALDO BLOCH



pág. 2

SABADO 6.12.2014
oglobo.com.br

Jorge Furtado

'O cinema perdeu a relevância'

Tema de mostra no Rio, diretor acusa a internet de banalizar imagens e diz que é raro um filme gerar reflexão

ANDRÉ MIRANDA
andre.miranda@oglobo.com.br

Com 30 anos de carreira no cinema e 32 na TV, o gaúcho Jorge Furtado sempre foi uma unanimidade nacional: diretor de especiais como "Doce de mãe" e de longas-metragens como "Meu tio matou um cara" (2004) e o recente "O mercado de notícias" (2014), ele é considerado um dos maiores talentos na criação de histórias no país. Por isso, entre os dias 9 e 21 de dezembro, a Caixa Cultural apresentará a mostra Palavra em Movimento — Filmes e Roteiros de Jorge Furtado, uma retrospectiva de seus principais trabalhos para cinema e TV. Em entrevista ao GLOBO, o cineasta falou sobre o passado e também sobre o presente do cinema brasileiro. "O que existe hoje é um cinema descartável", afirma.

● **Como você encara a ideia de fazer uma retrospectiva do seu trabalho?**

Eu disse que estou considerando como o intervalo de um jogo, em que a TV mostra os melhores momentos do primeiro tempo. Mas ainda falta o segundo tempo. Olhando o que vai ser exibido, é interessante perceber como a TV mudou. A gente fazia programas mensais, "A comédia da vida privada" (1995) era mensal. Era um luxo: três ou quatro roteiristas trabalhando um mês num programa. Projetos assim não existem mais. A TV, num certo sentido, se empobreceu. A competição com o cabo e a internet faz com que a TV aberta navegue numa faixa mais estreita.

● **O que o levou a trabalhar com audiovisual?**

Sempre gostei de escrever e sempre gostei de imagens. Mas eu achava que esses mundos, o da palavra e o da imagem, eram inconciliáveis, então fui estudar Medicina. Só que aí, no início dos anos 1980, o pessoal começou a fazer cinema em Porto Alegre, e percebi que minha busca era pelo cinema. Antes, eu já frequentava ciclos de cineastas, em que só passavam filmes do Resnais, do Kurosawa, do Bergman. Ali eu comecei a abrir minha cabeça. Então, larguei a Medicina e fui estudar Jornalismo, onde havia uma cadeira de cinema.

● **E logo um de seus primeiros filmes, o curta "Ilha das Flores" (1989), fez um sucesso gigantesco.**

Ele é um fenômeno, realmente. Toda semana, recebo notícias do "Ilha". Deixa eu olhar agora no Twitter, espera aí. Olha só: tem aqui, de 13 horas atrás, alguém dizendo que o filme é "nostalgicamente atual". Eu perdi o controle sobre ele.

● **Acompanhando seu blog no site da produtora de que você é sócio, a Casa de Cinema de Porto Alegre, e também o que você faz em seus filmes, esse tema do "Ilha das Flores", o da injustiça social, parece estar sempre em discussão no seu trabalho.**

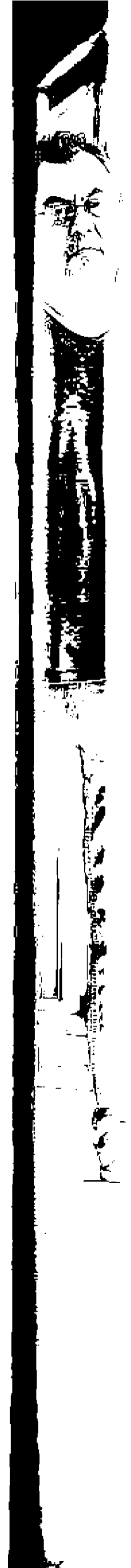
Eu me interesso pela vida real, e não consigo separar esse interesse do meu trabalho. Tive uma formação no cinema político. Para a minha geração, o cinema sempre foi um formador de opinião. A gente ficava esperando o que Truffaut, Scorsese, Godard ou Resnais iriam dizer sobre o mundo. Hoje isso não existe mais. O cinema perdeu muito da sua importância para pensar a realidade, a sociedade. São poucos os filmes ainda relevantes.

● **Por que isso aconteceu?**

O cinema perdeu a relevância. Antigamente todo mundo queria saber o que o Bergman fez de novo. No fim dos anos 1970, eu fui até Buenos Aires de ônibus para ver "Laranja mecânica" (de Stanley Kubrick), que ainda era proibido no Brasil. E hoje? O que aconteceu é que, com a internet, veio uma profusão de imagens que banalizou muito o que é feito. É muito raro aparecer um filme que gere reflexão. No cinema brasileiro, são poucos os que ajudam a pensar o país.

Continua na página 4

FOTOS DE DIVULGAÇÃO/RODRIGO GOROSITO



Meio-termo. Realizador de produções como "Ilha das Flores", "Doce de mãe" e "Meu tio matou um cara", Furtado defende um cinema entre o filme-cabeça e o blockbuster